

HOMENS POBRES LIVRES NOS SERTÕES DA BAHIA: RIO DE CONTAS, SÉCULO XIX

Larissa Bispo dos Santos¹, Maria Aparecida Silva de Sousa²

1. Estudante da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
2. Orientadora. Professora Titular do Departamento de História da UESB. Membro do Museu Pedagógico.

Resumo

Este estudo tem o objetivo de identificar a presença dos homens pobres livres na Vila das Minas do Rio de Contas por meio da análise de bibliografia, relatos de viajantes e documentos, com ênfase nos processos-crimes da primeira metade do século XIX do Arquivo Municipal de Rio de Contas. Com a descoberta de ouro no início do século XVIII, ocorreu grande migração para o local, que se tornou uma das mais importantes fontes de riqueza para a Coroa portuguesa. Porém, a exaustão da exploração no fim do século XVIII e início do XIX, fez a economia despencar e acentuar a pobreza na região. De acordo com a pesquisa inicial nas fontes, a violência entre os homens pobres livres, dada a sua condição de liberdade em uma sociedade escravocrata, foi elemento fundamental para o entendimento das questões sociais e econômicas que caracterizavam parte da população local. Todavia, outras evidências também podem ser identificadas na conformação das relações sociais estabelecidas dentro dessa categoria.

Palavras-chave: Alto Sertão Baiano; Minas; Pobreza.

Apoio financeiro: Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

Introdução

A Vila das Minas do Rio de Contas, localizada nos sertões da Bahia, criada em 1724, em decorrência da descoberta de ouro na região, produto de grande importância para a Coroa portuguesa que buscou, por diversos meios, assegurar o controle e a extração do metal precioso. O descobrimento do ouro fez com que todos os olhares se voltassem para o Alto Sertão da Bahia, levando os mais diferentes segmentos sociais a migrarem para a área, à procura de enriquecimento, no entanto, o declínio ocorreu rapidamente, o ouro de aluvião esvaiu-se e a economia antes concentrada basicamente na extração do minério se voltou para o artesanato e agricultura. A decadência da exploração aurífera mais uma vez modificou a estrutura da Vila. Muitos abandonaram suas casas em busca de melhores condições de sobrevivência em outros lugares. Para os que permaneceram, não haviam muitas possibilidades de ocupações a não ser o trabalho nas lavouras e no artesanato local. De fato, a presença da mão de obra escrava na região, cuja expressão tem sido reiterada por estudos recentes (VASCONCELOS, 2015; PIRES, 2003), limitava a inserção de *homens pobres livres* nas atividades econômicas. A rigor, os escravos africanos e seus descendentes ocupavam serviços da lavoura, responsável em grande parte pelos produtos de subsistência, os cuidados com o gado e outros trabalhos domésticos. A rígida estrutura do sistema escravista resultava na presença de muitos homens e mulheres que na condição de livres sobreviviam realizando serviços temporários ou se envolvendo em disputas entre famílias proprietárias por questões particulares e/ou políticas. As pesquisas sobre a prática de alforrias na Vila reafirmam o crescimento desse segmento social que, na maioria das vezes, se via à mercê das condições precárias de sobrevivência.

Metodologia

Como recurso metodológico para fundamentação da pesquisa, foi feita inicialmente um levantamento bibliográfico dos estudos acerca da temática, tanto no que se refere sobre a presença dos homens pobres livres no Brasil Império, como sobre a história das Vilas de Rio de Contas e de Caetité. Vale ressaltar que as pesquisas acerca do tema somente muito recentemente começaram a dar maior ênfase sobre esse segmento social. A rigor, boa parte dos estudos tem se concentrado em importantes análises que buscam dar conta da dimensão do escravismo na História do Brasil, todavia, a presença de homens e mulheres pobres livres recebiam um tratamento secundário quando não eram totalmente ignorados na dinâmica econômica, política e social do país. Aos poucos, os estudos sobre a pobreza e as condições de sua reprodução têm ampliado nossa compreensão acerca da complexidade da estrutura social do Brasil.

Do ponto de vista da pesquisa empírica, a pesquisa fez uso de algumas fontes documentais como processos-crime disponíveis no Arquivo Municipal de Rio de Contas, relatos de viajantes e memorialistas, com o intuito de identificar e comprovar a presença dos homens pobres e livres e suas condições de vida. Nos documentos notou-se o uso da expressão “nada ter de seu” para identificar quem se caracterizava como pobre, pois segundo Sheila de Castro Faria (1998), o termo abarca de modo geral a definição de pobreza. A pesquisa com mais vagar nos documentos coletados certamente propiciaria um maior aprofundamento e compreensão acerca das questões propostas no projeto, todavia, a demora na consulta das fontes manuscritas, as condições precárias de algumas fontes, assim como a inexperiência na leitura das mesmas impossibilitou a ampliação do estudo proposto. Do mesmo modo, não foi possível consultar documentos relativos a Vila de Caetité, que se emancipou de Rio de Contas em 1810, questão a ser abordada em estudos posteriores.

Resultados e Discussão

Em nosso estudo, aprofundamos a discussão sobre o uso da categoria *homens pobres livres*, que não é consenso entre os historiadores, devido às dificuldades para definir a composição social desses indivíduos. Aqui, adotamos a expressão utilizada pela historiadora Maria Sylvania de Carvalho Franco (1997) em seus estudos sobre a pobreza e a violência cotidiana em São Paulo no século XIX, embora não considere os limites para a sua aplicação, conforme adverte Christillino (2015).

Por meio da leitura de obras específicas, constatou-se um alto índice de violência comprovando a hipótese do trabalho. Apesar da rigidez do sistema, no qual os senhores proprietários e os escravos ocupavam as posições centrais, surgiu uma categoria intermediária, designada por parte da historiografia como homens pobres livres, cuja falta de mobilidade social os fazia encontrar na criminalidade meios de superarem as condições impostas a eles. Foi identificada uma quantidade expressiva de documentos que confirmam essa hipótese, entretanto, nem todos puderam ser analisados em razão do tempo exigido para a conclusão do estudo e da própria característica desses documentos, que exigem mais tempo para leitura.

Já se sabe que, para além das atividades manuais desenvolvidas pelos escravos, muitas outras eram feitas por esses indivíduos livres e pobres, muitos deles libertos. O que chama a atenção são as condições de vida e as experiências coletivas e individuais para sobreviver em uma área sertaneja onde as possibilidades de mobilidade e de estabilidade econômica eram refreadas pela própria estrutura econômica de então, que privilegiava a poucos.

Os estudos recentes acerca do tema têm ampliado a reflexão sobre as experiências desses homens no sentido de vê-los não apenas como violentos, mas incluídos dentro do contexto político e econômico em que viviam e cujas ações eram, muitas vezes, formas de resistência às condições que lhes eram impostas. Os homens pobres livres seriam, principalmente, descendentes de portugueses, africanos e indígenas que tinham de lutar cotidianamente pela sua sobrevivência. “Vadios”, “desocupados”, “desclassificados”, como aparecem na documentação, exerciam tarefas que os escravos não poderiam executar e, por vezes, se envolver em roubos era recorrente, como apontam alguns documentos consultados.

O príncipe Maximiliano e Spix e Martius, que estiveram nas Vilas das Minas do Rio de Contas e Caetité em princípios do século XIX, registraram a presença desses homens. Para eles, a miséria e a pobreza eram aspectos visíveis no cotidiano dessa população, cuja maioria, segundo relatos de Spix e Martius, se alimentavam de caules de palmeira e pão seco. No que se refere especialmente à Vila de Rio de Contas, merece ser destacado o trabalho de dissertação de mestrado de Nancy Sanches (2008) que, de forma pioneira, buscou analisar o comportamento social desses indivíduos no período de 1830 a 1870, sem, contudo, avançar na análise dos documentos referentes ao tema.

Conclusões

O estudo permitiu ampliar a compreensão sobre a existência dos homens pobres livres no Brasil do século XIX desconstruindo uma visão que ainda permeia sobre o período de que a sociedade se compunha quase que exclusivamente de senhores proprietários e de escravos. Muitas questões ainda não respondidas merecem o aprofundamento da pesquisa sobre o tema. Todavia, a consulta a alguns documentos constantes no AMRC evidencia a amplitude e importância do tema que aqui apenas foi esboçado. As experiências desses homens e mulheres que viviam sob condições desoladoras, não raras vezes viam no crime, na violência e na desordem um meio de burlar o sistema e buscar outras formas de sobrevivência. Todavia, se a violência foi um recurso utilizado em diversas situações de conflito, foi possível também perceber laços de sociabilidade nas difíceis condições de vida e de sobrevivência.

Referências bibliográficas

Arquivo Municipal de Rio de Contas. Processos-crime, 1800-1829.

COSTA, Christina Rostworowski da. **O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua viagem ao Brasil (1815-1817)**. Dissertação de Mestrado/USP/SP, 2008.

CHRISTILLINO, Cristiano Luís. **O homem livre e pobre no Brasil oitocentista**. Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análise e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Campina Grande: EDUEPB, 2015, p, 57-89. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Trabalho-e-trabalhadores-no-Nordeste.pdf>.

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. **Homens Livres na ordem escravocrata**. 4.ed. São Paulo: fundação editora da UNESP, 1997.

PAPALI, Maria Aparecida. **COTIDIANO COMPARTILHADO: homens pobres livres, cativos e “negócios da pobreza” na cidade de Jacareí/ SP no século XIX**. Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. **O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1898)**. São Paulo: Annablume, 2003.

RODRIGUES, Gefferson Ramos. **A “arraia miúda”. Índios, negros e homens pobres livres nas rebeliões da América portuguesa: Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo – 1707-1718**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

SANCHES, Nanci Patrícia Lima. **Os livres pobres sem padrão nas Minas do Rio das Contas/Ba - Século XIX (1830-1870)**. Dissertação de Mestrado/UFBA/Salvador-BA, 2008.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. 4.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

VASCONCELOS, Albertina Lima. **As vilas do ouro: sociedade e trabalho na economia escravista mineradora (Bahia, século XVIII)**.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **A conquista da terra no universo da pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil 1719-1819**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

WIED-NEUWIED, Maximiliano, príncipe de. **Viagem ao Brasil**. Tradução de: Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo, refundida e anotado por: Oliveiro Pinto. Companhia Editora Nacional: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, 1940. Disponível em: < <http://www.brasiliana.com.br/obras/viagem-ao-brasil-nos-anos-de-1815-a-1817> >